

e a despeito dos esforços de brasileiros ilustres pela sua democratização, uma tradição de conglomerados de escolas isoladas destinadas à programação em série de profissionais liberais e totalmente desvinculada da função crítica que lhe é fundamental.

Competiria à Universidade dominar, ampliar e difundir o saber; voltada, sobretudo nos países subdesenvolvidos, para o aproveitamento dos recursos do país e para o estudo de sua realidade nacional, inclusive das causas de sua dependência externa e interna; promovendo a criatividade cultural autônoma que a libertasse dos modelos estrangeiros e que habilitasse seus estudantes a influir na realidade em que vão atuar, numa perspectiva de mudança, funcionando como um núcleo de amadurecimento de uma consciência crítica nacional que questionasse as estruturas do poder e a sociedade nela inclusiva. Entretanto, a exercer essas funções, a Universidade entraria em choque com os interesses das classes dominantes. Daí a manutenção de contradições e equívocos que são, muitas vezes, vendidos ao analista superficial com roupagens de progresso e modernização, mas que não lhe disfarçam o caráter elitista e conservador. Assim é que as inovações propostas para a criação de uma Universidade nova, como a UNB, foram implantadas, rotineiramente, em todas as universidades brasileiras, mantendo-lhes os rótulos e arremedando seus objetivos originalmente propostos. Implantadas por decreto, como fórmula salvadora, incorporadas artificialmente mas esvaziadas de seu conteúdo universitário, essas inovações reformaram superficialmente, pretensamente renovando uma universidade que, para ser verdadeiramente nova, deverá ser educacionalmente criadora, crítica e atuante na sociedade nacional como um todo, aberta ao povo e capaz de exprimir politicamente seus anseios mais autênticos. A departamentalização e a multiplicação de centros de pós graduação não passaram de embustes, aqueles mantidos sob tutela e submetidos ao controle ideológico dos docentes, estes criados sem a preparação prévia e criteriosa dos quadros docentes superiores, desvalorizando-lhes os títulos e diplomas. Por outro lado, a "explosão" de matrículas que tenta creditar uma expansão prodigiosa ao ensino superior brasileiro, vem merecendo a preocupação de nossos analistas: ela não se fez ao nível principalmente das universidades públicas que são as que detêm os melhores quadros docentes e os maiores recursos, nem se fez de maneira democrática. Apenas ampliou um pouco mais o restrito número de privilegiados que atingem o ápice de nossa pirâmide educacional. Por outro lado, fez-se às custas da rede privada de escolas superiores, freqüentemente organizadas como empresas altamente rentáveis, num contexto de comercialização e degradação sistemática do ensino superior.